1.º ANNO 30 DE JANEIRO DE 1879 NUMERO 7

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

GUIMARÃES 30 DE JANEIRO

Carta encyclica do Santo Padre Leão XIII aos Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos de todo o orbe catholico em communhão com a Santa Sé

A todos os nossos veneraveis Irmãos Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos do mundo catholico em communhão com a Sé Apostolica

LEÃO XIII PAPA

Veneraveis Irmãos. Saude e benção apostolica.

Logo no principio do nosso pontificado na carta Encyclica que vos dirigimos, Veneraveis Irmãos, vos apontámos, como o exigia o nosso munus apostolico, essa peste mortifera que vae lavrando pelas entranhas da sociedade humana e a conduz á ruina, e ao mesmo tempo indicámos os remedios mais efficazes que podem restituir-lhe a saude e affastar os gravissimos perigos que lhe estão imminentes. Mas os males que então deplorámos têem crescido d'um modo tão rapido e assustador que, parecendo-nos ouvir incessantemente a voz do propheta: «*Clama, não cesses, levanta como trombeta a tua voz* (1), segunda vez nos vemos obrigados a dirigir-vos a palavra. Desde já podeis vêr que vos estamos fallando d'essa seita d'homens que são conhecidos pelas diversas e quasi barbaras denominações de socialistas, communistas ou nihilistas, e que, espalhados por todo o mundo e intimamente ligados por um pacto iniquo, não procuram já o abrigo das trévas para a reunião de seus conciliabulos secretos, mas apresentando-se audazmente em plena luz esforçam-se por levar á execução o seu plano, ha muito encetado, de destruir pelos fundamentos toda a ordem social. É d'elles certamente, que as paginas sagradas dizem: *contaminam a sua carne, desprezam a dominação, e blasphemam a magestade.* (2) De tudo quanto as leis divinas e humanas sabiamente hão decretado para segurança e decôro da vida, nada deixam intacto e em pé: apregoando a perfeita egualdade de direitos e deveres para todos os homens, recusam obedecer ás auctoridades legitimamente constituidas, ás quaes, segundo o Apostolo ensina, é forçoso que todos obedeçam, porque de Deus recebem o poder de governar. A união natural do homem e da mulher, que até para os pagãos ou barbaros é uma cousa sagrada, elles a profanam e aviltam, e o seu vinculo, que é o primeiro fundamento da sociedade domestica, enfraquecem-no ou o abandonam ao capricho da sensualidade.

Finalmente, dominados pela avareza, a qual *é a origem de todos os males e desvia da fé todos que a cubiçam* (3) combatem o direito de propriedade, sanccionado pela lei natural; e por um enorme attentado, apparentando attender ás necessidades e satisfazer aos desejos de todos os homens, pretendem roubar e considerar de todos aquillo que alguns adquiriram ou por titulo de legitima herança, ou pelo trabalho intellectual e manual, ou por meio d'uma administração economica. Demais, proclamam opiniões tão monstruosas em seus conciliabulos, sustentam-nas em pamphletos, espalham-nas por entre o povo n'uma alluvião de jornaes. D'ahi vem que a veneranda magestade e auctoridade dos reis está sendo o alvo de tanto odio da plebe sediciosa, que em breve espaço de tempo havemos visto, por mais d'uma vez, execrandos e desenfreados traidores attentarem de mão armada contra a vida dos proprios Principes.

Ora, esta audacia de homens tão perfidos, que ameaça a sociedade com catastrophes cada vez mais graves, e traz constantemente agitados os animos de todos, tem sua causa e origem n'essas venenosas doutrinas, que espalhadas de ha tempos a esta parte, por entre os povos como sementes venenosas, produziram a seu tempo fructos tão pestiferos. Por quanto, veneraveis irmãos, vós bem sabeis que a cruelissima guerra que desde o seculo XVI é movida pelos Novadores contra a fé catholica, e que até hoje prodigiosamente tem crescido dia a dia, se dirige a nada menos que destruir toda a revelação e toda a ordem sobrenatural, e levantar sobre suas ruinas as invenções ou delirios da razão abandonada a si mesma.

Similhante erro que toma injustamente seu nome da razão, excitando e aguçando o desejo, natural ao homem, de se elevar entre os demais, e largando as redeas a todo o genero de paixões, tem lavrado larga e profundamente com toda a liberdade não só no espirito de grande numero de homens, mas ainda por toda a sociedade civil. D'aqui vem que por uma nova impiedade, desconhecida até dos proprios pagãos, se tem constituido governos com desprezo de Deus e da ordem por Elle estabelecida; d'aqui vem o proclamar-se a cada passo que a auctoridade publica não deriva de Deus nem o principio, nem a magestade, nem o poder de governar, mas sim das multidões populares, as quaes, reputando-se livres de toda a sancção divina, só querem obedecer ás leis por ellas estabelecidas a seu capricho. Impugnadas e regeitadas as verdades sobrenaturaes da fé como contrarias á razão, o proprio Auctor e Redemptor do genero humano gradualmente e pouco a pouco vae sendo expulso do ensino das Universidades, dos lyceus, dos collegios, e de todo o tracto publico da vida humana.

Emfim, votados ao esquecimento os premios e as penas da vida futura, pretendem limitar ao breve cyclo da vida terrena o ardente desejo da nossa felicidade. Assim espalhadas por toda a parte similhantes doutrinas, e obtida tamanha liberdade de pensar e obrar, não é para admirar que os homens de condição humilde, aborrecidos da pobreza do domicilio ou da officina, ambicionem assaltar as cazas e as fortunas dos ricos; não é para admirar que na vida publica e particular já não haja tranquillidade, e que a humanidade esteja quasi á beira do abysmo.

E' certo que os pastores supremos da egreja, aquelles que tem a seu cargo proteger o rebanho do Senhor contra as emboscadas do inimigo, cêdo se applicaram a affastar o perigo e velar pela salvação dos fieis. Porque, apenas

(1) Is., cap. 58, v. 1.

(2) Jud. Epist. cap. V v. 8.

(3) Timoth. cap. 6 v. 10.

começaram a engrossar as sociedades clandestinas, no seio das quaes se escondiam já as sementes dos erros de que Nós vimos fallando, os romanos Pontifices Clemente XII e Bento XIV não se discuidaram de desmascarar os impios designios das seitas, e desde logo advertiam aos fieis do mundo inteiro os males que surdamente lhes preparavam. E quando, graças áquelles que se glorificavam com o nome de philosophos, foi attribuida ao homem uma liberdade desenfreada, começou a forjar-se e a ser sanccionado o direito novo, como elles dizem, em opposição á lei natural e divina, o Papa Pio VI desvendou immediatamente o caracter detestavel e a falsidade d'estas doutrinas em seus documentos publicos.

Mas como apezar d'isso, nenhum meio efficaz tivesse podido impedir que seus dogmas perversos dia a dia fossem acceites pelos povos, e se introduzissem até nas decisões publicas dos governos, os Papas Pio VII e Leão XII anathematizaram as seitas secretas, e, tanto quanto podiam, avisaram tambem a sociedade do perigo que a ameaçava. E por ultimo, todos sabem perfeitamente as palavras eloquentissimas, a firmeza d'alma e a constancia com que nosso glorioso predecessor Pio IX, de feliz memoria, quer em suas allocuções, quer em suas cartas encyclicas, enviadas a todos os bispos do universo, combateu não só os iniquos esforços das seitas, mas mui especialmente a peste do socialismo que d'ellas se originou, e tem feito irrupção por toda a parte.

Mas, o que é para lastimar, é vêr as disposições suspeitas, e até mesmo hostis, que até hoje tem manifestado para com a Egreja aquelles a quem está confiado o cuidado do bem commum, deixando-se arrastar pelas fraudes de homens impios e atemorisar por suas ameaças; sem quererem comprehender que os esforços das seitas teriam sido baldados, se a doutrina da Egreja Catholica e a auctoridade dos pontifices romanos tivessem tido o devido acatamento, tanto da parte dos principes como da parte dos povos.

Porque a *Egreja de Deus vivo, que é columna e firmamento da verdade*, (4) ensina as doutrinas e os preceitos com que admiravelmente se consegue a salvação e paz da sociedade, e destroe pela base a nefasta propaganda do socialismo.

E na verdade, embora os socialistas, para mais facilmente illudirem os incautos, abusem do proprio Evangelho, torcendo-o para conformal-o com suas doutrinas, é todavia certo que entre os seus dogmas perversos e a doutrina purissima de Jesus Christo ha um profundo abysmo. *Por quanto, que reciprocidade tem a justiça com a iniquidade? Ou que affinidade tem a luz com as trevas?* (5) Elles constantemente proclamam, como sabemos, que todos os homens são eguaes entre si por natureza, e d'ahi pretendem deduzir que ao poder se não deve honra nem respeito, nem ás leis obediencia, salvo áquellas que tiverem sido sanccionadas por seu capricho. Mas bem pelo contrario, a egualdade dos homens, segundo a doutrina evangelica, consiste em que, tendo todos a mesma natureza, todos são chamados egualmente á excelsa dignidade de filhos de Deus, e sendo a todos proposta uma só e mesma fé, cada um deve ser julgado segundo a mesma lei e alcançar a recompensa ou soffrer as penas que houver merecido. Todavia ha uma desegualdade de direito e de poder, que emana do Auctor da propria natureza, *do qual toda a paternidade toma o nome nos céus e na terra.* (6) Quanto aos principes e aos vassalos, segundo a doutrina e os preceitos catholicos, suas almas estão de tal sorte ligadas entre si por direitos e deveres que, de uma parte a moderação se impõe ás demasias do poder, da outra a obediencia se torna facil, firme, e nobilissima.

Com effeito, a Egreja constantemente recommenda a todos os subditos: «*Toda a pessoa esteja submettida aos poderes superiores, porque não ha poder que não venha de Deus e os que ha, por Deus foram constituidos. Aquelle pois que resiste ao poder, resiste á ordemnação de Deus. Os que, porém, lhe resistem, a si mesmos se attrahem a condemnação.*» E o preceito continúa ainda: «*E' necessario que lhes estejaes submettidos, não sómente pelo temor da ira, mas tambem por motivo de consciencia; e...pagueis a todos o que lhe é devido: a quem o tributo, o tributo; a quem o imposto, o imposto; a quem o temor, o temor; a quem a honra, a honra.* (7)

Porque aquelle que creou e governa todas as cousas dispôl-as, em sua previdente sabedoria, de fórma que as inferiores attingem seu fim pelas medias, e estas pelas superiores. E assim como quiz que no proprio reino celeste houvesse coros d'anjos distinctos e subordinados uns aos outros, e assim como na Egreja estabeleceu differentes graus d'ordens com diversidade de funcções para que nem todos fossem apostolos, nem todos fossem doctores, nem todos fossem pastores (8), assim tambem na sociedade civil constituiu muitas ordens differentes em dignidade, em direitos e em poderes, a fim de que o Estado, como a Egreja, formasse um só corpo composto d'um grande numero de membros, uns mais nobres que outros, e todos reciprocamente necessarios, e tendendo todos para o bem commum.

Mas para que as auctoridades usem do poder que lhes foi confiado para edificação, e não para destruição, a Egreja de Christo mui opportunamente adverte até os proprios principes de que sobre suas cabeças está pendente a severidade do supremo juiz, e empregando as palavras da Sabedoria divina, em nome de Deus a todos clama:

Applicae os ouvidos, vós, que governaes os povos e que vos gloriaes de terdes debaixo de vós muitas nações: porque de Deus vos tem sido dado o poder e do Altissimo a força, o qual vos perguntará pelas vossas obras, e esquadrinhará os vossos pensamentos..... porque sobre os que governam se fará um juizo rigorosissimo..... porque Deus não exceptuará pessoa alguma, nem respeitará a grandeza de quem quer que fôr: por quanto elle fez ao pequeno e ao grande, e tem egualmente cuidado de todos, mas aos mais fortes mais forte supplicio ameaça. (9)

Entretanto, se acontece que os principes se excedem temerariamente no exercicio de seu poder, a doutrina da Egreja não permitte a ninguem o insurgir-se contra elles, para que a tranquillidade publica não se perturbe cada vez mais, nem a sociedade soffra com isso maior detrimento. E quando as cousas chegarem a tal ponto que não deixem já entrever nenhuma esperança de salvação, a paciencia christã saberá então procurar o remedio nos merecimentos e orações incessantes a Deus. Se, porém, as determinações dos legisladores e dos principes sanccionarem ou mandarem alguma cousa que vá d'encontro á lei divina ou natural, a dignidade do nome christão, o dever e o preceito apostolico proclamam que é *necessario obedecer primeiro a Deus do que aos homens.* (10)

Mas esta virtude salutar de Egreja, cuja acção se faz sentir sobre a sociedade civil, mantendo-lhe a ordem e conservando-a, necessariamente vae influir na sociedade domestica, que é o fundamento de toda a cidade e de todo o Estado.

Vós sabeis com effeito, veneraveis irmãos, que a regra d'esta cidade, em face do direito natural, seu fundamento na união indissoluvel do homem e da mulher, se completa nos mutuos deveres e direitos dos paes e dos filhos, dos amos e dos criados.

(*Continúa*).

(4) I Timot. cap. III v. 15.

(5) II Corint.. cap. 6, v. 14.
(6) Ad. Ephes. III, v. 15.
(7) Rom. XIII.
(8) I Corint. XII.

(9) Sab. cap. VI.
(10) Act. cap. 5 v. 29.

SECÇÃO RELIGIOSA

Nunca irei a Canossa

Estas palavras foram proferidas pelo grande dictador da Allemanha, o chanceller principe de Bismark.

São conhecidos os actos de perseguição, praticados pelo governo imperial, depois da formidavel victoria, alcançada pelas armas germanicas contra as da França.

Esses actos, em desharmonia com a politica tradicional da Allemanha, sempre propensa á paz religiosa, sanccionada em differentes occasiões, motivaram uma resistencia passiva da parte dos Bispos e fieis da Egreja catholica na Allemanha, e não só a opposição se manifestou por este lado, mas até pelo dos protestantes, que não podiam vêr com bons olhos a absorpção dos dois poderes na mão do Cezar, e consideraram na doutrina materialista do *Kulturkampf* a ruina de todo o principio religioso e o desmoronamento da sociedade.

Estas resistencias e a agitação d'ellas emergente, deram occasião a differentes phrases significativas, proferidas pelo poderoso chanceller, phrases, que foram registadas, como é costume fazer-se com relação ás palavras que soltam estes homens notaveis, quasi oraculos do seu tempo.

Entre elles, tomamos a que serve de epigraphe ao presente artigo, por ser uma das mais célebres.

«Nunca irei a Canossa», disse o verdadeiro unificador da Allemanha, o preponderante estadista nos conselhos do imperador Guilherme.

E' sabido que o imperador Henrique IV, depois de se haver rebellado contra a auctoridade do Pontifice romano, e de haver até em uma dieta, que reunia em Worms, deposto o Papa e feito nomear um anti-papa, foi citado por Gregorio VII para comparecer ante a sua sagrada pessoa em prazo improrogavel. O imperador viu-se compellido a obedecer, e o seu encontro com o papa teve logar em Canossa, onde fez penitencia e renunciou aos seus erros, reconciliando-se aquelles dois potentados, que representavam as duas espadas que dirigem e governam o mundo.

Tambem a historia nos diz que essa reconciliação não foi duradoura. O imperador tornou a insurgir-se, e tomando as armas, não só conseguia derrotar os seus inimigos, mas invadir a Italia e apossar-se de Roma. Receando porém ser batido pelos normandos, retirou-se, e depois vendo-se a braços com a guerra civil, teve ante seus olhos o deploravel espectaculo de lutar com seus proprios filhos, que se haviam revoltado contra seu pai, transmittindo-se-lhes o contagio da rebellião, de que o imperador dava triste exemplo, faltando ás suas promessas, e desprezando a primeira das auctoridades, a do Pontifice. Apoz uma contenda de mais de vinte annos, a dieta de Mayence depoz o imperador rebelde, e este foi acabar seus dias, abandonado de todos, em uma cidade da Belgica.

A ida a Canossa era todavia o mesmo que ir cortar a palinodia, dar as mãos á palmatoria, pronunciar o *poenitet*, dizer *mea culpa*, finalmente retroceder no mal que se havia feito, e encetar melhor proceder.

Era isto que o principe de Bismark affiançou que nunca faria. Deixar de fomentar o *Kulturkampf*, reconhecer a distincção dos dois poderes, acatar o principio religioso, suspender as impensadas medidas, que diffundiam o materialismo em todas as camadas sociaes, e recuar no caminho, encetado, eram bases assentadas no programma vaidoso do poderoso estadista.

Mas quando elle se jactava do seu systema e se vangloriava de affrontar o poder espiritual, olhou em torno de si, e viu tudo materialisado. O principio religioso havia desapparecido, e pensando que os allemães de crentes se haviam transformado em philosophos pacificos, encontrou-os filiados nas seitas socialistas e os seus membros manejando o punhal e apontando o rewolver ao peito do monarcha mesmo, que estultamente havia sanccionado todas as medidas oppressoras, anti-religiosas e dissolventes do seu primeiro ministro.

Em poucos annos os resultados ultrapassaram a espectativa do estadista, e com espanto seu conheceu que a destruição da religião conduz forçadamente á subversão da sociedade.

Sem embargo do seu espirito atilado, este principio que é tão simples e tantas vezes comprovado na historia do mundo, havia escapado á sua penetração.

O imperador ferido e quasi aleijado, escapo, como providencialmente á morte, que duas vezes a mão do assassino procurava apressar-lhe, em seus discursos e proclamações só invoca o nome de Deus, e reconhece que sem religião a sociedade está perdida. O seu chanceller acompanha o monarcha nos seus sentimentos religiosos e confessa que é mister extirpar do imperio o socialismo, e fomentar no povo os sãs principios de ordem, respeito á auctoridade e acatamento á religião. E vendo que a unica parte dos subditos do imperio, que não se acha contaminada é a catholica, começa a transigir com ella, e não duvida acceitar em principio um acordo com o chefe de todos os catholicos.

Os tempos de Guilherme e Bismark não são os de Henrique IV, nem os de Leão XIII, são os de Gregorio VII. Nem Leão XIII vem pessoalmente a Canossa, nem Guilherme se transporta alli: mas a questão é sempre a mesma. Leão XIII é o mesmo que Gregorio VII, e Guilherme apparentemente mais poderoso, é menos do que Henrique IV. Canossa é a conciliação entre a thiara e a corôa, entre o poder espiritual e o temporal, a unica convenção que póde dar paz, felicidade e segurança aos estados.

A negação de Canossa é a deposição de Henrique IV em Mayence e o seu exilio em Liege; essa negação é o socialismo, o internacionalismo, o communismo, o punhal de Passavante, e o rewolver de Noebling.

Bismark faltou ao seu programma, foi a Canossa e ha-de demorar-se, se quizer fazer obra que valha alguma cousa, e se não está resolvido a ver ir pelos ares a sociedade, que julgou constituir em bazes diversas d'aquellas que Deus quer que sejam as unicas solidas e duradouras.

O mesmo ha-de succeder na Italia de Humberto, e no Portugal de D. Luiz.

A retratação de Canossa não é uma humilliação, é uma victoria, é o reconhecimento de uma grande verdade, eterna como Deus, é a confissão sincera de ter feito o mal e de procurar firmemente a emenda.

Reconheçam aquelles, que governam, os seus erros, e busquem emenda pelo unico modo que Deus estabeleceu.

Reconhecer a auctoridade de Deus não abate o homem, por mais elevado que se ache no mundo, porque, sem embargo de todas essas excellencias, é pó, é nada.

Se assim o fizerem, a sociedade restabelecer-se-ha dos seus profundissimos abalos; no caso contrario, desenganem-se todos que os males, de que tanto se lamentam, terão successivo aggravamento.

CONDE DE SAMODÃES.

Breves considerações sobre o estado presente da Egreja em Portugal

III

O FRADE

Já me pêza de ter promettido voltar ás pretensas razões da expulsão dos frades.

Não tanto por não merecerem na maior parte um sério exame as taes razões, e por uma certa repugnancia em tactear velhas mazellas, como porque este é um d'aquelles factos de si tão sem razão, que melhor será acceital-o na conta de phenomenal, extravagante, monstruoso, do que deparar-lhe com explicação nos baixos da natureza huma-

na, e ter antes de córar que folgar com tal descoberta.

Quem se não envergonha ahi das vergonhas da humanidade?

Até um pagão.

Homo sum, nihil humani a mé alinum puto.

Pois não ha-de Terencio gabar-se de melhor presar a sua dignidade de homem, do que um christão.

A expulsão dos frades!

Bem pressente a gente ao reparar no caso, que vae topar em cheio com um acto de força bruta, a qual deixou escorrendo sangue direitos sacratissimos, e poz a perder de vista os *ukases* e *firmans* de mais crua memoria.

E' ver quantas feridas d'um só golpe!

A liberdade individual, a liberdade religiosa, o direito de propriedade, os compromissos e legados pios, o amparo de pobres e desvalidos, o refugio de infelizes, a veneração que naturalmente deviam inspirar estes institutos onde se formaram tantas gerações de varões prestantes, de sabios, de santos, de heroes, a *religião dos tumulos*, o respeito ás cinsas dos maiores vultos da nossa historia, o maior lustre da nação enriquecida com tantos e tão bellos monumentos architectonicos, o interesse capital das artes e das sciencias, a equidade, a justiça, a gratidão, a simples decencia, tudo isto foi estupidamente conculcado ou posto de parte como bagatella; mais que tudo isto poderam essas razões que não atino ou não quero atinar quaes fossem.

Mas, deixal-as em paz as *altas razões d'estado*, que, pelos modos, são d'outro estofo que as do senso commum, e d'um brilho tal que só olhos d'aguias pódem aguentar.

O facto ahi fica em toda a sua triste inteireza á espera do juizo da historia, por certo algo mais sério que o dos louvaminheiros d'officio.

E agora perguntará o leitor benevolo: como foi que d'um só traço de penna cahiram instituições seculares, cujas raizes prendiam nos interesses vitaes da sociedade, e se alimentavam do que ha mais nobre, puro e alevantado em a natureza humana?

—Creio explicar isso bastantemente com notas que os frades foram feridos pelas costas.

—Como pelas costas?

—Pois é como digo e facil de perceber.

Se os atacassem com as armas leaes da *verdade*, da *justiça*, da *honestidade*, provariam elles que era luctar em vão, pela simples razão de que a justiça, a verdade e a honestidade não se ferem a si mesmas; tomando-os, porém, de flanco, arremettendo-lhes pelas espaldas com as armas vilissimas da *calumnia*, da *crueza*, do *despotismo*, a victoria era infallivel, que contra taes arremessos não vestem malha os filhos do claustro.

Esta tactica de bandido é já velha; porém, compendiou-a admiravelmente n'aquella sua bem conhecida palavra de ordem, o infame velho de Ferney:—Menti, menti sempre!

E depois hemos de confessar que terriveis são as *pancadas dos coxos*; e esta foi de *surdo* e de *cego* tambem, o que lhe triplicou a força na razão directa da sua mesma estupidez.

Emfim, deixal-o de vez o caso miserando! Passou á cathegoria dos *factos-consummados*, como lá se diz, que é o mesmo que descer á valla do cemiterio.

Parce sepultis—a historia lhe seja leve!

Umas observações ainda, e termino já.

Quem hoje, entre nós, pensa sériamente em remediar este mal immenso, em reparar esta monstruosa iniquidade? Quem procura ahi lavar-nos d'este opprobrio que nos humilha aos olhos da Europa civilisada?

—Raros, tão raros como nobres lidadores no campo catholico.

Pobres Cassandras, condemnados a não escutar senão motejos dos contrarios e o echo plangente da propria voz, perdida entre os escombros d'este grande povo que foi!

E não só isso, tambem condemnados a presencear o ignobil espectaculo de se gloriarem de tal *feito* os applaudidores obrigados de certa ordem de pessoas e de cousas, ineptos e imbecis expositores d'esse aleijão nacional.

Fazem o papel do arlequim estropiado que diverte o povo de feira, exhibindo a corcova hyperbolica, contorcendo em esgares o rosto grotesco, e agitando a maneta; os melhores titulos que o misero possue para captar a publica benevolencia.

Pobres Cassandras, disse eu, outrosim condemnados a saber da apotheose feita aos brutaes exterminadores de frades em nome da *patria agradecida*, provavelmente; e o que é mais forte! a respirar o incenso dos obsequios funebres d'esses homens, em *nome* da Egreja! A escutar-lhe os louvores officiaes da bocca de um *ministro* da Egreja, á *face* da Egreja!!!...

Desviemos a vista d'estas miserias que fazem mal, e passemos ávante.

Portanto, não é licito esperar que emendem a mão os nossos palinuros de má morte. São impenitentes da peior especie: não só não confessam o peccado, que até d'elle fazem gala.

Nada os move.

Nem a perda das nossas colonias á pura mingua de missionarios, nem esta morte lenta e ingloria de que vai morrendo a mãe patria, minada pela febre da immoralidade, pelas repetidas dozes de impiedade, estipendiada, official; nem a clamorosa injustiça com que cerceiam os mais sagrados direitos a uma grande parte, á totalidade dos seus concidadãos; nada d'isso os abala.

Em nome de qual liberdade não posso eu ser frade n'esta terra?

E' mãe ou madrasta esta sociedade que me impede de servir ao meu Deus, em companhia de meus irmãos, de portas a dentro, no fundo de uma solidão, como melhor me parecer? Que tem ella com que eu vista um habito de sacco ou á minha batina, que traje pannos finos ou estamenha e burel? Quem lhe deu o direito de cortar as mais intimas e nobres aspirações de minha alma? De me roubar a minha felicidade no tempo e talvez na eternidade?

Não! Semelhante ordem de cousas não póde durar muito tempo.

Ou esta sociedade tem de reparar quanto antes o mal feito, ou ha-de morrer d'esse abscesso de mau caracter, esmagada debaixo do peso enorme d'esta *legalidade* monstruosa.

No meu humilde entender, vae ahi questão de vida ou de morte.

A *injustiça* vestindo a libré da *legalidade* fere no coração as sociedades que a geraram e alimentam, e cobre-as de vergonha e confusão aos olhos da humanidade.

Que dirá um dia de nós a historia? De nós que todos somos mais ou menos culpados d'esta triste degradação, d'este crime social?

O que a historia dirá, não posso eu sabel-o precisamente.

A Europa, essa vae dizendo que não passamos de um bando de borregos a quem a maçonaria facilmente governa em plena charneca, e a quem *faz a mercê* de tosquiar e devorar a seu talante.

Tomára eu que me provassem a injustiça de semelhante conceito que—pela minha parte o declaro—não me é demasiadamente lisongeiro

Ou se lhes parece mais curial, chamem a uma policia correccional essa Europa *fossil* e petulante, que além da injuria irrogada ao velho Portugal, agora remoçado, pintado, casquilho, está outrosim ré de lêso-progresso querendo *frades e freiras, jesuitas e lazaristas, irmãos da doutrina christã, irmãs da caridade, ditas da Divina Providencia, dos pobres, do Bom Pastor*—que sei eu?—A Internacional negra em pêso!

Quando mais não seja, provarão que

essa toleirona anda dez seculos atrazada de nós em pontinhos de progresso... e no *progresso dos pontinhos*.

P.e MARTINS CAPELLA.

O sacerdote catholico

D'antes, o sacerdote era o anjo da terra; os que passavam, curvavam-se para beijar a fimbria da sua stinge.

(A. Herculano—*O Monasticon*).

Era anjo da terra e ainda hoje o é; mas sendo *anjo* na missão sublime, é *homem* nas miserias e fraquezas, triste apanagio da pobre humanidade.

Como deixar de ser assim?.. Comtudo respeitai-o!—Pende-lhe do peito uma estola, emblema do poder que lhe foi dado.

Sacerdote! Não roges pelo tremedal dos vicios tua fronte veneranda! Farol bemfasejo, a quem Deus manda alumiar o viandante nas sendas escabrosas da vida, ai de ti, se te apagas! e ai do viageiro, se, em vez de luz, o circundam trevas!

Borboleteam-te phantasias em torno da imaginação juvenil?.. Lembra-te que teus cabellos cahiram ao córte da thesoura sacra e que sobre o altar do Senhor depozeste sonhos lindos, illusões douradas.

Fascin m-te os turbilhões do seculo?..

Mas ai que d'envolta com aspirações generosas vão ahi tantos desenganos, vão ahi tantas amarguras!

Sentes no peito um vacuo?.. E cuidas que te podem encher amores terrenos?! Engano!—As aspirações da alma humana só se satisfazem em Deus.

E's sabia sempre em tuas leis, ó Santa Egreja! Quando vedaste ao Padre o noivado, quizeste desprendel-o da terra, afim de que, anjo do Senhor, pairasse sobranceiro a ella nas alturas do céu.

Valente Sansão, destinado a guiar Israel, poderia adormecer talvez no regaço de Dalila...

Mãe amorosa, como poderias tu supportar os queixumes e as lagrimas da esposa e dos filhos, as dôres cruciantes do esposo e do pai ao ausentar-se para remotas paragens a levar o luzeiro da fé ás trevas do gentilismo?! E o padre poderia acaso espadanar jubiloso o sangue do martyr?..

Facho da terra, que deves elevar ao céu uma chamma pura, diffundindo ao longe tua luz mysteriosa, em que se fitam os olhos agradecidos do caminhante perdido, de que serviria tua claridade benefica, se te pozessem no valle?..

E a ti, que não pódes caminhar sem bordão a que te encostes, que não tens abnegação e coragem para votar ás aras um coração inteiro, a ti, a quem Deus não chama, quem te manda vestir o arnez e a couraça do guerreiro da Cruz?

Oh, que se não confundam as sublimidades do sacerdocio com as doçuras do thalamo, as flôres da terra com as estrellas do céu!

E depois... nos recessos do sanctuario ha tambem contentamentos placidos, ha tambem sanctas alegrias. Provai antes as delicias do amor divino e vereis depois como achais travores nas inquietações de amores mundanos...

Homem excepcional no meio da sociedade, não te confundas com ella. Se o mundo te cobre de baldões, se lança sobre ti o vilipendio e o escarneo, consola-te! Chora-lhe os desvarios, abençôa e passa.

Segue ao Mestre, pega da tua cruz e anda! Adormece no Calvario e acordarás na patria...

Pódes ter a severidade nos labios, quando com o latego potente da palavra verberares o erro e o vicio: rancôres no coração, nunca!

Ministro do Senhor, a tua herança são os gemidos do desventurado e do pobre e os ais do orphãosinho. Se n'esta vida não tens risos e alegrias, terás na outra recompensa infinda!

P.e F. DOS SANTOS E CUNHA.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Ajuste de contas com o positivismo materialista contemporaneo

(Continuação)

Se nos perguntam agora qual seja essa sciencia de Deus, capaz de salvar a sociedade, ameaçada de perecer pela sciencia do homem, respondemos sem vacillar que esta sciencia é a sciencia catholica, essa sciencia informada pelo principio fecundante da fé divina e pelo espirito vivificador da caridade christã. Representação, por assim dizer, de um psycologismo estreito, arido e frio do racionalismo e da philosophia do *eu* reconhece como base incontrastavel, ainda que não unica, de verdade e de sciencia, aquella fé divina que transporta as montanhas e que emana do Verbo de Deus; e a seu lado reconhece a sua revelação externa e espontanea na caridade, que é *paciente e benigna, que tudo soffre e tudo espera*, segundo a expressão do Apostolo. Em frente da razão humana affirma a razão divina, sem, porém, destruir por isso nem negar a primeira: em frente da vontade humana, fragil, inconstante e inclinada ao mal, affirma a vontade divina, expressão da justiça eterna e da santidade infinita: em frente da auctoridade humana, ou, melhor, considerando-se superior á auctoridade divina, base, razão sufficiente e sancção suprema da auctoridade humana, e affirmando e apresentando a nossos olhos uma Providencia divina, santa e misericordiosa, que reconcilia o homem com Deus em Jesus Christo e por Jesus Christo, e o conduz a seus altos e sublimes destinos atravez das vicissitudes, borrascas e tentações da vida presente, eleva, ennobrece e fixa o coração do homem, porque o põe em contacto immediato com Deus, centro de gravidade de suas aspirações. ¡União com Deus!

¡Posse de Deus! ¿Quem dirá as delicias eternas, as torrentes de luz, as harmonias celestes que se acham encerradas n'esta singela, e por egual, magnifica revelação christã do destino final do homem? Porque não foi em vão que se escreveu, que *nem o olhar vê, nem o ouvido ouve o que o Senhor tem preparado aos que o amam.*

Quando esta palavra e esta esperança descem até ao fundo do coração humano e regulam os movimentos da alma e as relações sociaes, a paz, a resignação, a fraternidade, a caridade, o valor moral, a obediencia e a ordem, são sua consequencia necessaria, natural e espontanea. No meio das debilidades, fraquezas e paixões, que constituem a herança do homem sobre a terra, a sociedade marchará mais ou menos agitada, mas sem as horriveis convulsões e transtornos que costuma experimentar quando o homem aparta seu coração e seu olhar de Deus, perdendo ao mesmo tempo a ideia e a esperança de seu destino final.

Desolação, violencia e desordem constituem inevitavelmente as manifestações da actividade humana, desde o momento em que perde de vista a existencia e condições christãs de uma vida futura e eterna, em harmonia e relação com suas obras presentes; desde o momento em que perde de vista que o principal theatro da vida humana se acha além do sepulchro; que a vida presente só tem um valor de prova e de preparação, e que a peregrinação terrestre só póde ser fecunda em resultados quando se acha modelada sobre a d'aquelle Verbo de Deus, que disse ao homem: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida.*

Se a fé divina, na qual se arraiga a sciencia christã, representa um dos principios mais importantes e fecundos de regeneração moral e social para o homem, não é menos importante e fecundo o principio da caridade christã. Nem se julgue por isso que consideramos a caridade christã capaz de enxugar todas as lagrimas, nem de evitar todas as miserias. O trabalho é uma lei imposta ao homem por seu Creador, e o mal em todas as suas fórmas corre e correrá sempre a transbordar por esta

terra de tentação e de prova, arrastando na sua impetuosa corrente os suores, as lagrimas e o sangue dos filhos dos homens. Mas, sem negar nada d'isto sermos-ha licito affirmar que o grande principio da caridade, revelação a mais sublime, e, por assim dizer, a mais sympathica do Verbo de Deus, *feito carne, cheio de graça e de verdade*, constitue um dos meios mais efficazes e poderosos para resolver o formidavel problema economico, que qual sceptro funesto se levanta ameaçador ante a sociedade moderna.

Verdade é por todos reconhecida e comprovada pela historia, que em todos os tempos e em todos os climas, os ricos e os pobres tendem a separar-se e distanciar-se uns dos outros. O rico aparta-se do pobre por orgulho e até por egoismo, temendo que a vista de sua miseria perturbe ou diminua a tranquillidade de seus gosos. O pobre, por sua vez, se aparta e distanceia do rico, algumas vezes por uma especie de pudor ou vergonha, outras muitas por um sentimento de surdo rancor, conjuncto de cólera e de inveja que hoje mais que nunca fermenta no coração das classes proletarias, graças ás doutrinas e prégações do racionalismo e do positivismo philosophico.

Se pedimos agora a estes systemas o remedio de semelhante mal, se lhes perguntamos pelos meios com que contam para minorar, já que o não podem fazer desapparecer, esse espirito de apartamento, de inveja e de odio entre pobres e ricos, fallar-nos-ão muito de associação e de liberdade, de fraternidade e philantropia; mas através d'estas sonoras palavras, no meio dos systemas e ensaios fundados sobre ellas, escutaremos a cançada voz da miseria e, o que é peior ainda, a voz do odio e da cólera, que sobem do fundo da sociedade como um grito de maldição e de morte: um gemido surdo, uma queixa unanime, um som estridente, resoam no espaço, accusam, denunciam e revelam a frialdade real dos corações, em meio e apezar de suas philantropicas theorias.

Pois bem: ¿Qual é a razão sufficiente d'este phenomeno tão desconsolador como innegavel? ¿Porque sobe e augmenta a onda da miseria ao passo que sóbe e augmenta a onda da riqueza? Já o indicamos e repetil-o-emos ainda outra vez: é que essas instituições da economia e da sciencia moderna, boas e nobres em si mesmas, nem têem por base a ideia religiosa ou divina, nem se acham animadas pelo espirito da caridade christã. D'aqui, a sua infecundidade, e a esterilidade relativa de seus resultados. O obreiro, absorto na necessidade e perpetuidade de um trabalho penoso, exigido pelo capital egoista, perde o sentimento religioso, e com elle perde tambem o respeito á auctoridade, o gosto da sobriedade, os castos amores da familia. Mui differentes seriam os resultados, por certo, se o rico e o pobre, o capitalista e o obreiro, caminhassem consoante as inspirações da fé em Jesus Christo e da caridade christã. *Eu vos dou um mandamento novo*, disse o Verbo de Deus ao rico e ao pobre, *que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos tenho amado: n'isto conhecerão todos que sois meus discipulos, se tiverdes caridade entre vós mesmos*. Se por uma parte elle ameaça ao rico que cerra suas entranhas aos gemidos do pobre, promettendo-lhe ao mesmo tempo grandes recompensas se lhe enxugar as lagrimas, por outra diz ao homem da pobreza e da dor: *Bemaventurados os pobres de espirito porque d'elles é o reino do céu*. Bemaventurados os que são desgraçados na terra, porque serão honrados no céu. Bemaventurados os que passam regando a terra com seu suor e com suas lagrimas, porque sua recompensa é grande no céu.

Oh! se os homens da sciencia, os philosophos, os economistas, e sobretudo os politicos, se inspirassem no Evangelho, protegessem a Egreja Catholica em lugar de a perseguire.n e calumniarem, se harmonisassem os ensinos da experiencia e da economia politica com o ensino superior e divino de Jesus Christo, se cuidassem de fecundar os progressos da razão e da sciencia com o duplo principio divino da fé e da caridade, certamente que o problema economico-social se não apresentaria com tão atterradoras proporções. E se ao menos se concedesse á Egreja de Christo o direito commum da liberdade! Justo seria certamente, e além d'isso proveitoso aos governos, aos povos e a toda a sociedade que podesse ao menos a doutrina catholica desenvolver livremente o germen de caridade inexgotavel que em seu fundo encerra, para attenuar, diminuir, e dulcificar, já que não é possivel extirpar completamente, todas as dores, todas as miserias, todas as necessidades e desgraças da humanidade. Porque, quem ignora a engenhosa solicitude com que a caridade do catholicismo tem sabido accudir a todas as necessidades, miserias e dôres da humanidade desvalida? Inquire, averigua e espia, por assim dizer, em cada seculo e em cada povo a miseria que lhe é propria, para correr em seu allivio com um afan constante.

ZEPHERINO GONÇALVES.

(Conclue no proximo numero).

SECÇÃO LITTERARIA

A travez do jornalismo

Certo jornal de Lisboa todos os annos no 1.º de janeiro imperterivelmente faz uma curiosa parlanda, ou «*bota* discurso», como dizem por ahi, enumerando *per longum et latum* seus *grandiosos* serviços e merecimentos *infinitos*. Não saberá o dito periodico que «louvor em bocca propria é vituperio»?

Appareceu com o anno novo um novo jornalsinho em Belem, junto a Lisboa. Intitula-se «Jornal do Povo» — folha avulsa. Attrahiu-nos devêras a curiosidade e despertou em nós profundas sympathias por muitas rasões... Uma dellas—e não queremos negar que seja esta a principal—consiste nos assumptos de que trata e no espirito com que são tratados. Alguns artigos para amostra (não temam; são *pequerruxos*):

«Religião—Aquelle que, por desgraça propria, é indifferente aos assumptos da religião, da qual, como de coisa sem importancia, nada quer saber, é, como bem o classifica um grave pensador (Balmes, no «Criterio»), o mais insensato dos homens.

Como estorvo consideravel, encontra no seu trajecto um rio, o viandante a quem é forçoso seguir caminho; não ha barca, e abundam os perigos na travessia pela intumescencia das aguas, velocidade da corrente e profundos pêgos; assim ao caminhante o fazem notar outros, que com elle estão na margem do rio, e o insensato dizendo: «que me importam a mim essas questões?»—arroja-se temerario á corrente, desconhecendo os vãos, sem olhar por onde!

Tal é a imagem do indifferente em materias de religião.

Brevissima é a terrestre vida, que pela morte tem infallivelmente de terminar: o que hoje é homem em pleno desenvolvimento, exemplar afortunado da melhor saude e vigorosa disposição, dentro de alguns annos, que rápidos deslizam, terá baixado ao sepulchro.

Para o que não crê, attentae bem, nem a incredulidade, nem as duvidas, nem as invectivas, nem as sátyras, nem a indifferença, nem o leviano orgulho destruirão a realidade dos factos: se existe outro mundo onde são reservados premios para os bons e castigos para os maus, não deixará seguramente de existir por que ao incrédulo convenha ou lhe agrade negal-o; e mais é para notar, que a caprichosa negativa não mudará o destino, que segundo as leis eternas, ao incrédulo haja de caber.

Quando chegue o derradeiro momen-

to, quando na ampulheta da vida se precipite o ultimo grão, força é morrer; e então o homem será nada ou se encontrará com a *eternidade*.

E' exclusivo de cada um este negocio importante; e tão de cada um, como se cada individuo sómente existisse no mundo; ninguem morrerá por outrem; ninguem tomará na eternidade o logar de outrem privando-o do bem ou livrando-o do mal

Irmãos: não vos dirão estas poucas linhas, não vos farão ellas comprehender toda a significação importante de taes assumptos, e a necessidade que temos, pela mais apreciavel de todas as conveniencias, de não sermos indifferentes, diligenciando antes illustrar-nos com todo o interesse sobre o que na religião ha de verdade?

Lêde attentos e meditae!...»

. . . . . .

«Um beijo(não se escandelizem)—Passando por Orleans, em 1859, os prisioneiros austriacos feitos pelos francezes na batalha de Magenta, um menino de sete annos os saudou affectuosamente. Reparou n'esta amavel cortezia um coronel que marchava entre os captivos e tomando o menino nos braços lhe disse:

—Por que nos saúdas assim?

—Por que a mamã me disse que sois muito desgraçados.

—Ah! sim, meu filho!—tornou o official, mal podendo reprimir as lagrimas—Fazes bem em respeitar assim a desgraça, e se eu te podesse recompensar o prazer que me déste, o faria com muito gôsto, mas só posso dar-te um beijo. Queres que t'o dê?

O menino offereceu a sua innocente face ao prisioneiro, que o beijou, commovendo os espectadores d'aquella scena tão simples quanto enternecedora.»

N'outra parte, em o mesmo jornalsinho, n'um bello artigo sobre o suicidio, lêmos:

«E contra tanta sabedoria, contra tanta previsão, contra tanta, tão santa, tão judiciosa caridade (a da Egreja, que procura causar horror ao suicidio com a salutar serenidade de suas leis canonicas), se alevanta blasfemando dos homens, de Deus e da sua Egreja a impiedade ignára e malévola!...

Não sabemos o que mais dêva espantar, se o atrevimento da estulticia, se a perversão e maldade dos que, pelo acontecido com referencia ao suicidio praticado no quartel do regimento de infanteria 16, nos ultimos mezes do proximo findo anno — irromperam unissonos em disparátes, com mais ou menos ridiculas pretenções de sabedoria e infallibilidade, pedindo exemplar castigo por desobediencia ás leis militares(!), para os reverendos capellães do exercito, que em perfeita harmonia com os seus canónicos deveres muito racionalmente e por conveniente módo, recuzaram obedecer a uma ordem que não podiam cumprir; e que nunca lhes poderia, ou deveria ser dada, se a ignorancia não fosse como, infelizmente, é tanta, e tanta, por demencia ou maldade, a fatal tendencia para a impia rebellião contra Deus e a sua Egreja!

Pediriam, por ventura, castigo para o médico militar, por crime de desobediencia aos deveres militares, no caso, não provavel mas possivel, de receber ordem do seu coronel para que em dádas circumstancias praticasse, por exemplo, uma amputação, ou fizesse administrar um certo medicamento, e aquelle não cumprisse, por que a sciencia e prudente aviso lhe fizessem conhecer a inconveniencia ou o perigo do cumprimento de qualquer de taes ordens?..

Valha-os Deus!»

Nas columnas da folha avulsa «Jornal do Povo», onde lêmos com muito prazer dous nomes de cavalheiros que veneramos, parece-nos que jámais terão entrada doutrinas que destoem das que hoje apontamos e applaudimos do fundo do coração. Boas vindas ao collega!

Lê-se na «Esperança»:

«O «Diario de Noticias» fez uma descoberta! É que perigam as nossas possessões d'Africa! Diz elle:

«A integridade do nosso territorio, é nossa convicção e é a de muitas pessoas que conhecem intimamente o estado de algumas das provincias ultramarinas, periga n'alguns pontos d'aquellas regiões».

Ha quanto tempo não estão dizendo os catholicos que ellas se perderão infallivelmente se continúa o abandono religioso em que o liberalismo as tem deixado vegetar e definhar?

Se se perderem, não é por culpa d'elles... nem dos frades. Esta confissão póde fazel-a até o proprio «Diario», que ninguem se atreverá a dizer-lhe que falta á verdade. Mas não ha perigo de que a faça...»

De acordo!

Tambem estamos d'accordo com o seguinte, que muito vem a proposito:

Ao «Jornal das Colonias» escreveu o snr. R... e ninguem dirá que não tem razão:

«Não ha, pois, tempo a perder, querendo-se olhar sériamente para o bem espiritual e temporal das colonias como os mais estados, que tem ainda a felicidade de as conservarem e em escala sempre florescente, com a bella educação religiosa que para ellas tem mandado—; e desenganem-se de uma vez para sempre que sem este indispensavel e importante reforço, nada conseguirão, a não ser a continuação da decadencia e por ultimo a perda total. Haja vista a tantos e tão repetidos exemplos. O pretenderem substituir a espada pela cruz, foi o maior e mais repugnante erro politico e religioso; fiquem bem certos d'isto.

Não é com a espada que se convencem e civilisam os gentios, mas sim com a cruz; razão porque a Inglaterra nos impoz a extincção das ordens religiosas pela certeza que nutria da nossa progressiva decadencia no ultramar depois de effectuada tão errada medida; e veja-se a finoria impondo aos outros o que ella não quer em sua casa, porque o augmento das ordens religiosas em Inglaterra nos ultimos annos, tem sido de um modo espantoso; ella a Inglaterra que se assustava das ordens religiosas nos outros paizes, não teme o augmento d'ellas no seu, antes pelo contrario tem accrescentado e fortalecido os seus dominios em toda a parte do mundo com a cruz civilisadora; e veja-se como em todas as suas colonias, que no Oriente estão sujeitas á jurisdicção ecclesiastica portugueza, os missionarios, parochos e mais auctoridades da Egreja Catholica, são respeitados, considerados e remunerados, a ponto de que qualquer pendencia que se suscite entre algum presbytero portuguez, que esteja exercendo qualquer cargo n'aquellas colonias, com algum subdito britanico, ainda que seja de religião diversa, a pendencia é sempre resolvida a favor da parte catholica, tudo com o fim de atrairem e não afugentar, como infelizmente praticam as auctoridades portuguezas de além-mar».

Foi digna, brilhante, nobilissima, e sobre tudo verdadeiramente catholica a maneira como o nosso prezado collega do «Commercio do Minho» deu por concluida a discussão entre o snr. Souza Monteiro e o snr. Amorim Barboza, relativamente a certas exequias. Parabens! E ávante na proclamação da verdade inteira!..

Ha dias a «Palavra» publicou um trecho que muito nos deu no gôto. Eil-o sem mais preludios:

«Um dos mais illustres Bispos francezes (Mgr. Dabert), n'uma pastoral ha pouco publicada, depois de uma peregrinação *ad limina*, em que teve a fortuna de receber a benção de Leão XIII e de tratar *mui de perto* com Sua Santidade, diz: «O liberalismo nos primeiros dias póde embalar-se não sabemos com que sonhos de conciliação».

Estas palavras vem a proposito do que se lê n'uma certa «Illustração Contemporanea»:—*Leão XIII*, do catholico-liberal (ás vezes; nem sempre) *Figaro* de Pariz, que achou graça perante... que cahiu em graça ao «Diario da Manhã» (do snr. Pinheiro Chagas, do partido *preto*).»

Lê-se na dita «Illustração» *figaresca:*

«Sei que é preciso fallar com prudencia. Entretanto devo reter uma phrase do Papa Leão XIII. A viuva do conde Monthlembert tendo obtido do Papa uma audiencia particular, apresentou-lhe sua filha, Thereza de Montalemocrt. O Papa poz-lhe a mão sobre a cabeça e disse: «Abençôo-te, Thereza, por ti, e por teu GLORIOSO pae!» Muitas cabeças francezas, tonsuradas ou não, sentiram cahir sobre si essa benção. Já lá vae o tempo em que o poderoso Veuillot sacudia contra tantos grandes mortos o seu hyssope de tinta—que se dizia benta!

O Vaticano, graças a Antonelli, parece tomar partido contra tantos eloquentes! Esta benção cahida sobre a cabeça d'uma mulher, deve ter feito estremecer d'alegria Bispos, padres, escriptores e os discipulos de S. Domingos e de Lacordaire. Só talvez Lamennais, o archanjo rebelde ficasse por benzer na valla do *Pere Lachaise*. Nós tambem, os profanos, sentimo-nos comprehendidos n'esta mesma benção, porque fomos muitas vezes comprehendidos nós mesmos anathemas!»

Chama-se a isto em bom portuguez «apegar-se ás paredes». O catholicismo liberal, coitado! vê-se reduzido a taes expedientes depois das monumentaes derrotas que ha soffrido.

Quem nega que o conde Carlos de Montalembert, tenha sido um «glorioso» luctador em pró da Egreja?!

A questão não é essa; bem o sabem os *figaros di cá e di lá*... A questão é muito outra.

O «glorioso» Montalembert, além de render grandes serviços ao Catholicismo, viveu e morreu no seio da Egreja.

Pio IX que o abençoou durante a vida *dezenas de vezes*, depois de fallecido mandou-lhe fazer solemnes funeraes a que elle proprio quiz assistir. *Incognitus* errou o golpe.

Que mais queria? Que o grande Pio declarasse que não tinha elle nunca errado,—nem sequer quando pedia a liberdade para o mal no congresso catholico de Mallines (Veja a nota 6.ª do «Appendice» ao vol. 1.º do *Liberalismo desmascarado*) como ha pouco a pedia Zenardelli e Miaghethi o *dextro* e o *sinistro* de Montecitorio?!

Mas isso nem Pio IX, nem Leão XIII, nem Papa nenhum o fez nem o fará jámais.

Desenganem-se os catholicos liberaes *di tutte le risme*.

Quanto a Luiz Veuillot, não precisa defeza: dizem que tem «boas costas»; sabemos com certeza que tem bom pulso:—o *Figaro* deve-o saber melhor que nós, já que a *experiencia* vale mais que a tradicção.

«O Diario de Noticias» de hoje, 7 de janeiro, em que isto escrevemos, referindo-se á execução do regicida Moncasi, lamenta a «teimosia» dos governos que ainda conservam a pena de morte.. Nós tambem desejavamos vêl-a abolida; mas, como A. Karr, «principiando os mrs. assassinos.» Se não, não.

Temos conhecido varios defensores da abolição d'esta pena que por outra parte não teem grande difficuldade de brandir o punhal e de empregar o veneno, chloroformio, etc... Não havia *coisa melhor* do que poder *matar*, mas não poder ser *morto*... Dizem os jornaes italianos que entre os manuscriptos de Passavanti—o ultimo regicida, que praticou o *alto-feito* da rua Carbonera de Napoles — se encontrou uma defeza da abolição da pena de morte escripta por seu proprio punho! Passavanti havia aprendido com o *mestre* Mazzini, o qual no mesmo momento em que decretava centenares e talvez milhares de assassinatos nos reformados estatutos da *Joven Italia* (sociedade secreta) fazia expedir uma circular para que todos os *irmãos*, no *mundo profano*, defendessem a abolição da *odiosa e terrivel* pena, que elle tinha consciencia de haver merecido o tornado a merecer. Espertalhão, não tem dúvida!

Em Hespanha houve tempo—pouco depois da «*gloriosa*» de 1868—em que a pena de morte, se esteve abolida de direito, póde dizer-se que a estava de facto,—tal era a corrente das ideias humanitario-revolucionarias n'aquelle paiz. Como porém os roubos e assassinatos crescessem desmedidamente, o que fez Prim? Mandou assassinar, sobre tudo na Andaluzia, todos os criminosos que a *guarda civil* podesse apanhar, pretextando que resistiam ou que queriam fugir! Assim se executou durante muitos mezes, e as victimas foram numerosas.

—Isto sim, que é infame e altamente criminoso.

O *abolicionista* Emilio Castellar, quando *se pilhou* ministro, esqueceu-se das suas theorias, e «para restabelecer a disciplina do exercito», mandou fusilar varios soldados rasos: officiaes nem um, embora fossem apanhados *in flagranti* de promover a revolta, no Ferrol, etc., e fossem mil vezes mais criminosos que os pobres soldados.

—Isto sim que é revoltante, e nada, mesmo nada *igualitario*, snrs. democratas prégadores da igualdade!..

De resto a pena de morte existirá no mundo em quanto elle fôr «mundo», a não ser—e só por algum tempo—n'alguma nação *sapientissima* para a qual a «vida humana» dos criminosos seja mais respeitavel que a dos innocentes. Na Suissa agora mesmo se trata de a restabelecer. Julga-se que basta de experiencia, e que a experiencia não foi feliz. «*Si incomincia ad imparare*—começa-se a aprender»—, diz a este proposito a «Unità Catholica» de 17 de dezembro de 1878.

Na mesma «Unità», poucos dias depois (a 20), lia-se um precioso artigo critico sobre certo livro do *italianissimo* (litterato afamado no mundo liberalesco) Leoni Carpi.

D'este livro parece-nos conveniente fazer algumas citações, que não hão-de agradar por certo aos *italianissimos* de cá. Ora ouçam o que diz o insuspeito Carpi na sua *Italia vivente:*

«Não me parece que o Catholicismo, como principio religioso, possa ser incompativel com a civilisação e com o progresso, e a historia de um milhar de annos faz fé.» (pag. 372).

«A Egreja Catholica Romana foi durante um longo curso de seculos a protectora dos fracos contra o despotismo e a crueldade dos fortes. Ella protegia as populações inermes contra a ferocidade dos senhores feudaes, e as communas ou municipios ameaçados pela tyrannia invasora... Muitos recorriam a ella e se faziam seus tributarios, para serem cobertos pela sua egide.» (pag. 377).

Fallando dos tempos presentes:

«Com rarissimas excepções o clero está ligado estreitamente á politica religiosa do Vaticano...» Na Italia «é abandonado e desprezado pelo governo, que o reduziu á pobreza, guerreado pelos liberaes... Os poucos ecclesiasticos que buscam emancipar-se do Vaticano não são em regra geral os melhores (*sic!—Non sono per lo piu e migliori.*—Pag. 396).—E' notavel! A «Gazeta Officiale» de 16 de dezembro consigna com elogio o livro em que se fazem estas preciosas confissões! Mas isso, hoje em dia, nada quer dizer...

Dos bispos italianos escreve Carpi: «O hodierno Episcopado é em todas as partes da Italia virtuoso, modesto, sobrio... Faz honra á Italia pelos seus costumes, pela sua morigeração, e é digno reflexo de um Pontifice virtuoso, como Pio IX» (pag. 398).—E logo na pagina seguinte: «Em geral na Italia o Episcopado é bem visto e estimado pe-

las populações.»—N'outra parte: «Todos se pódem certificar de que nas varias provincias do reino os padres e os religiosos que se dedicam ao ensino tem nas devidas proporções muito mais alumnos do que os mestres e mestras seculares» (pag. 390).

.....

Tratando dos padres criminosos, presos ou em desterro por crimes communs, encontra só 19 em toda a peninsula italica—numero diminutissimo se se compara com o dos criminosos das outras classes sociaes, guardadas as devidas proporções. Ainda assim, accrescenta a «Unitá»: «Se Leone Carpi quizer ir mais adiante, estudando a conducta politica d'esses padres condemnados, não achará um só que fosse devoto do Papa e obediente ao proprio bispo.»

Perceberá este *latim* o sr. F..., ao qual só agradam os «padres desempoeirados e liberaes»,—mações ou maçonizantes?..

Entre nós, com pouca differença, acontece o mesmo que na Italia.

UM VIMARANENSE.

SECÇÃO ARTISTICA

O Christo d'Amarante

Havia decorrido um anno que eu tinha admirado na sacristia do convento de S. Gonçalo de Amarante, uma excellente pintura em madeira representando Jesus preso á columna, quando ha dias passando de novo n'esta risonha villa, assente nas margens do Tamega e coroada pela serra do Marão, não pude furtar-me ao prazer de segunda vez ir embeber-me n'essa preciosidade artistica, que, derramando n'alma os mais sublimes pensamentos, arrebata o espirito ás deliciosas emoções do bello.

Grande foi o valor artistico que então lhe encontrei; agora, porém, subiu elle de ponto depois que pude comparar este quadro, posta de parte a diversidade dos assumptos, com os Christos de Morales, de Velasquez e de Goya, que com enlêvo apreciei no museu do Prado em Madrid, e com o Christo de Bonnat, uma das preciosidades apresentadas pela cidade de Paris na exposição de 1878.

O seu raro merecimento levou-me a procurar alguma relação d'esta primorosa obra d'arte nos eruditos escriptores que mais se tem occupado d'estes assumptos entre nós.

Qual não foi, pois, o meu espanto ao vêr que nem Varnhagem, nem Raczynski, nem Vilhena Barbosa, tão esmiuçadores de raridades artisticas, não tinham a mais simples noticia d'esta?

Desde logo me propuz dar uma noção succinta, quanto permittissem minhas limitadas forças, d'este excellente quadro, a fim de o tornar um pouco mais conhecido dos amadores de bellas-artes.

É em frente á porta de entrada da sacristia que está collocada a imagem do Christo preso á columna, quasi de tamanho natural e preservada da acção do tempo por um grande caixilho com vidro correspondente.

Ao ultrapassar o limiar é tal a illusão optica, filha das primeiras impressões, que a vista mais se quer convencer ter deante de si uma esculptura do que uma pintura.

Este grande relêvo é effeito do modo admiravel porque n'este quadro estam graduadas a luz e as sombras, o que evidentemente suppõe no seu auctor conhecimentos não vulgares das leis da optica e do emprego do claro-escuro.

Em fundo sombrio desenha-se a base e o fuste d'uma columna, e junto a ella está o Christo nú, firmado sobre o pé direito, ligado á parte inferior do tronco por uma flexivel corda, que enroscando-se em volta do fuste vae de novo atar-lhe o braço direito, do qual tem pendente um manto, ficando o pé esquerdo e mão soltos em posição natural e graciosa sem affectação.

Correcção de desenho e profundo estudo anatomico, creio serem qualidades que ninguem poderá contestar n'este quadro no meu entender, primorosissimo.

O que, porém, mais realça e nos captiva é a admiravel expressão do rosto do Christo.

De tantos quadros religiosos que vi de todas as escolas e dos melhores auctores, poucos dispertaram em mim sensações tão gratas e profundas e sentimentos tão nobres e elevados.

Julgo que a paixão de encarecer uma obra d'arte pouco conhecida, não me offusca a tal ponto o espirito que dê como valor real um valor imaginario.

Não comparo.

Sei a distancia que existe entre as obras primas de Raphael, Corregio e Murillo, e tantos outros soes da pintura, e este bello trabalho.

Não é como artista, no sentido rigoroso da palavra, por que o não sou, mas como simples amador que o aprecio.

Como tal eu amo a arte verdadeiramente christã, que sabe inspirar-se nas sublimes paginas dos livros sagrados, e remontar-se ao unico ideal que purifica a alma e a embebe de grandes e castos pensamentos.

Como disse, pois, o que mais me chamou a attenção e prendeu o espirito, foi o rosto do Christo cheio de expressão e de sentimento religioso.

Parece coar-se atravez d'aquella cabeça levemente inclinada para o chão o grandiosissimo plano do nosso resgate, animado pela chamma ardente da caridade.

A bondade infinita transpira d'aquelles olhos cheios de piedade e aquelles labios repletos de doçura como que anticipadamente pronunciam a divina supplica: *Pae, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem.*

Em todo aquelle rosto se divisa a serenidade do justo e a humildade heroica alliada em estreito laço com a magestade divina.

Em todo elle se revê a paz d'uma consciencia impolluta e illibada, a convicção d'uma missão sobrenatural e o amor d'um homem-Deus, prompto qual tenra e paciente ovelhinha, a derramar até á ultima gota de sangue para libertação do homem-escravo.

Eis em resumo as mais vivas impressões que este quadro em mim despertou.

É pela maior parte desconhecido o seu auctor e o pouco tempo que me demorei n'aquella villa não me permittiu entrar em mais sérias averiguações; é, todavia, certo que elle estava filiado em alguma das melhores escolas da renascença.

Os paineis goticos, que tanto brilham pela piedade e uncção que d'elles ressumbra, nos quaes, porém, a belleza plastica era geralmente descurada, muito se distanciam d'este quadro em que ha perfeita alliança da fórma com a idéa christã.

Dotado de genio artistico, elevados sentimentos esteticos e estudo dos melhores modêlos, o seu auctor se é portuguez é uma das nossas maiores glorias em pintura, bem digno de hombrear com Gran Vasco, Claudio Coelho, Vieira Lusitano, Vieira Portuense e Sequeira.

PADRE F. SANCHES.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Uma manifestação em honra do Santo Padre Leão XIII teve logar no dia 12 de dezembro passado. De quantas manifestações se tem feito, de quantas commissões se tem ido prostrar aos pés do Pontifice, nenhuma, como esta, mais devera enternecer o coração do Pae de todos os catholicos.

A vasta galeria dos mappas trasbordava de senhoras, de certo pertencentes ás mais distinctas familias de Roma, porque á sua frente estava a marqueza Antici-Matter, directora da *Pia União das senhoras catholicas de Roma.* Eram em numero de duas mil essas filhas da ci-

dade eterna, que foram prostrar-se aos pés do vigario de Christo.

A marqueza Antici-Matter leu com enthusiasmo uma eloquente mensagem a que Sua Santidade respondeu:

«Ao vervos em tão extraordinario numero reunidas em nossa presença, experimentamos, queridissimas filhas, um sentimento de tão dôce consolação, que nos faz recordar aquellas formosas palavras do Apostolo: *Multa mihi gloriatio pro vobis, repletus sum consolatione* (II Cor. VII, 4), pois que bem conhecidas são por nós as muitas e santas obras em que ha tanto tempo vos occupaes. Conhecemos assás as santas industrias de que vos servis para que entre o povo de Roma se conserve a piedade para com Deus, e o amor á religião catholica; sabemos os cuidados que empregaes para que ás meninas lhe sejam ensinados os principios rudimentares da fé, para que a joventude receba nas escolas uma educação verdadeiramente christã, apartando-a assim de tudo que possa perverter suas tenras intelligencias e seus innocentes corações. Sabemos, finalmente, que vós, para arrostar com toda a sorte de obstaculos, e despresando todas as humanas considerações, estaes animadas de invicto valor, e que com aquella admiravel abnegação, que é fructo da caridade, vos não amedrontam fadigas nem sacrificios.

Tendo presente vossa fé, vossos disvellos, vossa caridade, vossa paciencia, damos graças ao Senhor por todas vós, como fasia o Apostolo pelos fervorosos fieis dos primeiros seculos, e supplicamos a Deus, queira, em sua infinita misericordia, continuar a dar-nos a consolação que nos vem do vosso zello, da vossa exemplar laboriosidade.

Vós, queridissimas filhas, que viveis em meio d'uma sociedade minada pela corrupção, bem conheceis a necessidade de oppôr um dique a essa torrente de iniquidades que cresce espantosamente. E' por isso que, com todo o affecto d'um pae que geme pela ruina de seus filhos extraviados, vos exhortamos ardentemente a perseverar, e se tanto é possivel, a redobrar o vosso zello. Vossas obras podem trazer immensas vantagens á cauza de Deus e á Egreja. Porque a mulher, formada na escola de Jesus Christo, e forte com a sua graça, é chamada a exercer, em meio da familia e da sociedade, a mais benefica, a mais sublime das influencias.

A sua acção cheia de atractivos, constante e paciente, chega a penetrar nos mais feros corações e acaba por dominal-os.

Comprehendei, queridissimas filhas, vossa missão, e estudae os meios de cumpril-a fielmente. Não faltaram nunca n'esta nossa cidade de Roma santas matronas e nobres heroinas, que por sua dignidade e factos notaveis, deixaram gloriosa e immorredoura memoria de seus nomes. Tambem nos deficilimos tempos das perseguições essas santas matronas, firmes e constantes na profissão sincera da sua fé, dispostas a dar por ella a vida, trabalhavam na conversão de seus esposos, auxiliavão os fieis perseguidos, já dando-lhes guarda segura, já visitando-os nos carceres, levando-lhes o sustento de que careciam.

Isto faziam Cecilia, Praxedes, Lucina, Ignez, Prudencia, e em tempos mais recentes Francisca Romana. Inspirai-vos sempre em tão nobres exemplos, tomando-os por modello, e a Religião de Jesus Christo terá sempre a virtude de formar taes heroinas.

Entretanto, filhas queridissimas, recebei a benção que do fundo do coração vos damos, e que ella desça copiosa sobre vós, sobre vossas familias, e vos sirva de alento e conforto, descendo tambem copiosamente sobre a vossa obra e a faça fecunda para que possa produsir abundantes fructos de vida eterna.

Benedicto, etc.»

Ahi ficam as palavras dirigidas por um Pae a seus filhos, e por ellas verão os nossos leitores de que importancia é a associação que representavam aos pés de Leão XIII, essas duas mil heroinas da cidade de Roma.

Poucos dias depois, no dia 15, recebia S. Santidade a *Primeira Associação catholica e obreira de caridade reciproca em Roma*. Mais de mil e quinhentas pessoas, artistas a maior parte, se reuniram na mesma galeria dos mappas para prestar humilde homenagem de respeito e filial devoção ao Papa. E' d'esta maneira que o Papa, sem policia mercenaria, sem soldados, sem couraceiros montados, sem generaes com grandes espadagões, vê a seus pés a nobreza, as damas, os artistas de Roma, em quanto que o *rei de Italia*, em meio sempre de uma nuvem de penachos e peitos condecorados, cercado sempre de sabres e bayonetas não póde estabelecer um pequeno espaço entre o peito e o punhal assassino: não póde livrar os seus *subditos* das bombas incendiarias; não póde fallar com a tranquillidade, com a paz de espirito com que falla ao seu povo o venerando ancião que tem a seus pés duzentos milhões de filhos.

No Vaticano, diz um periodico de Paris, terminou o estudo dos meios para estender o catholicismo na Asia. Um grande numero de alumnos orientaes do Collegio de Propagação da Fé será destinado para a Turquia Asiatica.

O Papa decidiu crear vicariatos apostolicos em todas as partes da America onde existem Egrejas sob a dependencia da Santa Sé.

A «Defense», de Paris, occupando-se da Encyclica de S. Santidade diz o seguinte:

«A sociedade moderna deve escutar a voz d'este grande Papa, que sonda com mão paternal as chagas cuja cura se propõe fazer. Comprehenderá que ao levantar-se contra Deus, mostrou o caminho aos que contra ella se levantam.

Os reis, especialmente, são os que com mais interesse se devem aproveitar dos ensinamentos do Papa, porque só assim pódem segurar seus thronos vacilantes.

Esperamos, pois, que ante esta pacifica attitude de Leão XIII, todos os homens honrados se unirão para pedir que a Egreja seja livre, e que não haja ninguem que peie ou lhe difficulte sua acção salvadora.»

Esta noticia vae de presente aos *illustrados, noticiaristas, democraticos*, etc.

Os nossos leitores devem lembrar-se das questões havidas n'este nosso reino fidelissimo ácerca dos enterramentos nos cemiterios catholicos dos que morrem fóra da Egreja. Lembram-se tambem de lhe havermos dito nos passados numeros que na Italia se obrigam os catholicos a celebrar o casamento civil antes que o catholico? Pois em resposta a tudo isso que se faz cá e lá, vamos traduzir de um documento importante, e que talvez mais tarde publiquemos todo, uma pequena parte. Antes de tudo devemos dizer que o documento de que fallamos é nada menos que uma carta do sultão Abd-ul-Hamid ao Patriarcha dos caldeus catholicos, que é como que a confirmação da sua auctoridade apostolica.

Diz pois o tal documento ácerca do casamento e enterramento:

«Nos assumptos que se referem ao matrimonio, mando que sejam respeitadas suas leis religiosas, e que se não ponha obstaculo algum ao seu comprimento; e quanto aos assumptos que possa surgir entre os membros d'esta communhão a respeito do contrato do matrimonio e dos divorcios, mando tambem que sejam regulados e decididos pelo seu Patriarcha ou por seus delegados, conforme as prescripções da sua religião.

Mando que nenhum juiz, nem funccionario publico, contradiga este antigo costume, pondo obstaculos a que o Patriarcha faça expedir suas lettras apostolicas, condemnando aos que, segundo a sua religião, sejam culpados; e como a sua religião prescreve que os sacerdotes não deem sepultura aos que morrem, tendo comettido actos contrarios á sua religião, mando a todos os juizes, aos legisladores, e a todos os homens do poder que não os obriguem a dar sepultura a tal gente».

Uma noticia que deve fazer trasbordar a alegria dos corações dos proprietarios, é a seguinte que encontramos em um jornal de Madrid:

«Até ao presente as *grèves* não tinham outro fim que pedir maior ordenado e menos horas de trabalho. Agora apparece nova ordem de *grèves*, que tem amedrontado os proprietarios de Valencia. E' formada pelos cazeiros, ou rendeiros, que declaram positivamente não pagar nada aos senhorios».

Se chega a propagar-se esta *molestia*, e nos apparece por cá, estamos bem arranjados.

A observancia do domingo entre nós consiste, quasi geralmente, em ir á missa. De Egreja não se quer saber durante o resto do dia, conservando-se as lojas de commercio abertas de par em par.

E' por isso que nos chamou a attenção uma noticia que vamos reproduzir. Eil-a:

«A companhia fabril *Singer*, de New-York, tão conhecida por suas machinas de coser, dirigiu aos seus correspondentes em Hespanha uma carta, que os periodicos tem publicado, na qual considerando como cazas americanas as em que se vendem as suas machinas e mais productos, ordena que estejam fechadas e em seus armazens se não trate de negocio algum durante o domingo».

E' para nós assás agradavel a noticia que achamos em um periodico de Lisboa, e que em seguida transcrevemos:

«O presbytero Manuel Jeronymo Cordeiro, que tinha entrado para a egreja protestante evangelica, renunciou publicamente á heresia e, depois de feito um retiro espiritual, reconciliou-se com a Egreja. No dia 9 do corrente teve lugar este acto commovente e edificante, na capella do Paço Patriarchal de S. Vicente, onde Sua Eminencia absolveu o dito presbytero, que possuido da mais vehemente dôr e commoção expoz e pediu perdão a Deus, ao Prelado e á Egreja, do escandalo e do mal que tinha feito, concluindo por reiterar a profissão da fé catholica.»

E já que de converções nos occupamos, que muito é o tomar alguns minutos mais aos leitores continuando a fallar em tal materia?

Eis, pois, a tal respeito o que encontramos nos jornaes catholicos:

«Anuncia-se a conversão simultanea de trinta ministros da Egreja anglicana. Muitos d'entre elles renunciaram a ricas prebendas e reduziram-se voluntariamente á mendicidade. Um d'elles é viuvo e pae de dezoito filhos. Tres d'entre elles abjuraram na capella das Damas do Sagrado Coração Rockhampton. N'esta mesma capella, uma joven protestante, que tambem se converteu, viu a mão de Pio IX bater-lhe no hombro e impelli-la para o côro. Muitas outras pessoas affirmam ter visto egualmente esta mão miraculosa.

Os jornaes inglezes annunciam a conversão ao catholicismo de lord Alexandre Gornon Lennox, irmão do duque de Richemond e Gornon, o ministro de Sua Magestade.

Um joven ministro anglicano, o rev. Giorge Uhitefield, tambem fez a sua abjuração nas mãos de Fenton, cura de S. João de Jerusalem, em Londres.

Os jornaes teem por muitas vezes fallado na conversão de Sua Eminencia o cardeal Maning. Mas como teve ella lugar? Não ha muito tempo que sua Eminencia o contou do modo seguinte:

«Eu estava em Roma, onde visitava os muzeus, as ruinas, as egrejas; eu assistia ás ceremonias religiosas como os outros meus compatriotas, estudando a cidade sôbre todos os seus pontos de vista. Eu não tinha a menor duvida sobre a verdade do protestantismo, do qual eu era ministro; nunca eu tinha pensado em mudar a minha crença religiosa. Nada do que eu tinha visto me tinha feito uma impressão capaz de me affectar sobre esta causa. Na verdade, eu estava tão longe do catholicismo como quando deixava a Inglaterra.

«N'uma manhã eu entrava na egreja de S. Luiz dos Francezes; o Santissimo Sacramento estava exposto sobre o altar, porque se ia dar a benção, ceremonia que eu ainda não tinha visto.

«Nada de mais simples: um pouco de incenso, algumas velas accezas, os padres com as vestes do côro; ao pé do altar, uns poucos de fieis ajoelhados em oração. Isto contrastava evidentemente com as solemnidades pontificias de que eu tinha sido testemunha na egreja de S. Pedro, mas foi este o momento em que Deus me chamou.

«Senti a minha alma agitada no interior de mim por um modo mysterioso: descobri um pequeno raio de luz. Pela primeira vez na minha vida pareceu-me que a verdade podia estar no catholicismo; a minha conversão não me pareceu mais uma impossibilidade. Com tudo, eu estava ainda longe de ser o que se póde chamar um convertido. Mas Deus tinha-me chamado, e eu não ficava surdo á sua voz. Pedia e procurava; estudava com toda a sinceridade: cada vez a luz brilhava com maior claridade e a graça de Deus fez o resto.»

A vista d'isto que dirá o *reverendo* Dias, auctor d'uma cousa que para ahi corre impressa, segundo nos affirmam, *refutando* a brilhantissima Pastoral que ha pouco deu á luz o venerando Prelado portuense? De certo vae ficar corrido e, o que é mais, com desejos, talvez, de desprezar a sua *cara ametade* entrando de novo no aprisco.

Quantos *exemplos* não ha!!

Temos presente a descripção das festas havidas na India por occasião da exposição de S. Francisco Xavier. Privar d'ella os nossos assignantes é crime que não cabe em nosso animo. Mais alguns minutos, e vá até ao fim esta revista que bem estirada vae já. Dêmos a palavra á «India Catholica»:

«Apesar d'um sem numero de difficuldades que pareciam adial-a, realisou-se felizmente como todos desejavam a exposição das preciosas reliquias do Santo Apostolo Oriental.

Ao bem conhecido zelo do egregio Arcebispo Primaz D. Ayres d'Ornellas e Vasconcellos é que incontestavelmente se deve este resultado do que muitos já desconfiavam quasi nas vesperas da Exposição; porque embora o governo portuguez tivesse dado pelo ministerio da marinha, as mais terminantes ordens para ella se effeituar com a pompa e magestade requeridas em tão grande solemnidade, não se poupando a despezas, é todavia certo que as encommendas feitas em França com a necessaria antecipação, não chegavam, e os projectados arranjos a cargo das obras Publicas de Gôa não estavam ainda concluidos um dia antes da Exposição.

Fomos testemunha de quanto em taes circumstancias conseguiu a devoção insigne e a prodigiosa força de vontade do incansavel Primaz, e temos summo prazer em noticiar aos nossos leitores que o Templo do Bom Jesus, sem embargo de tantas contrariedades, se acha actualmente adornado como nunca esteve em occasiões similhantes. A sua decoração mandada vir de Pariz por S. Exc.ª Revd.ma é effectivamente deslumbrante. Produzem optimo effeito as auriflammas de diversas côres que pendem do tecto da egreja com as armas do Sanctissimo Padre Leão XIII, outras com as da nobre familia Ornellas, outras com as effigies da Virgem Immaculada, de S. Francisco Xavier, e com varios emblemas christãos. O trabalho do docel, columnas e sarcophago onde se collocou o caixão; o novo tapete da vasta capella mór notavelmente rico; immensos tropheus distribuidos simetricamente pelas paredes, o magnifico harmonico que enche com sons religiosos e suaves aquelle sancto recinto,—tudo quanto escolheu e dispoz o Exc.mo Primaz justifica mais uma vez a fama do bom gosto parisiense, e é proprio de tão grande e denota festividade. Começou ella com as vesperas solemnes na tarde de 2 do corrente, e já então parecia resuscitada a velha metropole indiana, pouco antes tão triste e tão solitaria. Succedia ao silencio do deserto o murmurio d'uma populosa cidade.

Raiou depois, finalmente, o dia 3 de dezembro, ha muitos mezes enthusiasticamen-

te anciado; chegou esse dia de ventura que marcará para sempre uma data gloriosa nos fastos da egreja Goana: e era de vêr como todos, muito antes da alvorada, se dispunham pressurosos para aquella solemnidade e como que antecipadamente sentiam o gozo das inexplicaveis delicias, que encantam os espiritos esclarecidos pela luz formosa da Fé e fazem exultar os corações verdadeiramente christãos.

As sete horas da manhã convocava o sonoro sino da cathedral os fieis para a procissão que da Sé Metropolitana de Gôa se devia dirigir ao antigo convento dos Jesuitas. Pouco depois chegava o novo governador, e era recebido á porta da egreja pelo cabido e conduzido, depois de haver osculado o crucifixo, até a quadratura capitular, onde tomou o logar que lhe estava preparado, e que outr'ora pertenceu aos vice-reis do fidelissimo monarcha. Não podemos ouvir bem os psalmos, versiculos e orações com que se acompanhou a primeira entrada do governador geral da India Portugeza, e porisso não os citamos.

Foi logo em seguida o cabido esperar o Exm.º Primaz á sala do docel do seu Palacio, e tendo S. Ex.ª Revm.ª descido e entrado no templo se dirigiu á Capella-Mór, onde depondo a Capa Magna e revestido de Pluvial veio ajoalhar no faldistorio em frente do altar. Entoaram então dous cantores a ladainha dos Santos, e assim que invocaram a protecção da Santissima Virgem com a formula deprecativa *Santa Maria, ora pro nobis*, começou a organisar-se a procissão para o templo do Bom Jesus.

Iam primeiro as confrarias e irmandades com suas cruzes e insignias, guardando a precedencia do estylo em semilhantes actos. Seguiam-se logo os empregados do auditorio ecclesiastico e camara pontificia, logo depois a cruz do Cabido goano levada pelo sub-thesoureiro da Sé paramentado entre dous cerofrarios e continuava a procissão o clero diocesano pela seguinte ordem.

Apoz a cruz capitular viam-se os ecclesiasticos sem encargo parochial e em seguida os alumnos e professores do Real Seminario de Rachol, os Vigarios Geraes de Bombaim, Cochim e Ceylão com os seus missionarios, os Parochos da Archidiocese, e Relação Metropolitana. Vinham depois os capellães da Cathedral, e seis beneficiados com pluvial branco, empunhando seis maças de prata, que, nos disseram, significavam a dignidade primacial da Sé de Gôa. A cruz Archiepiscopal precedia os conegos paramentados de planetas, as dignidades de pluviaes e os Exm.os Prelados de Bombaim, Jaffna e Hydrabad que iam de pluviaes e mitras, acompanhados pelos seus capellães e familiares. Fechavam a procissão o presbitero assistente ao solio e o Exm.º e Revm.º Snr. Arcebispo Primaz entre os conegos ministros, que lhe sustentavam as pontas do pluvial, e seguido dos seus capellães e caudatarios. Atraz da procissão notavam-se o Exm.º Governador Geral e os seus ajudantes d'ordens, Raclação do Estado, os Juizes de Direito e os empregados de todas as repartições com os seus chefes.

Chegando á egreja do Bom Jesus, entoaram dous cantores o Psalmo *Laudate Dominum de cœlis* e o hymno *Iste confessor*, e assim se dirigiram para o altar do tumulo da parte do claustro, onde cantado o versiculo *Amavit eum Dominus* e dita pelo Exm.º Primaz a oração do Sancto Apostolo, tomaram seis capitulares sobre seus hombros as reliquias do venerando Evangelisador, e oito funccionarios designados pelo Exm.º Governador Geral rodearam o caixão com tochas accesas, conduzindo-o assim pela porta lateral da egreja, e cantando-se entretanto o hymno *Te-Deum Laudamus*.

Depositado finalmente o caixão no magnifico sarcophago de que já fallamos, feito em Pariz, começou a missa de Pontifical a que assistiram os Exm.os e Revm.os Srs. Vigarios Apostolicos de Bombaim, Jaffna e Hydrabad em assentos distinctos e debaixo d'um docel: o Governador Geral e os altos funccionarios do Estado em cadeiras de espaldar; e uma enorme multidão que enchia o templo, toda ella possuida dos sentimentos da mais sincera piedade e do mais vivo e conhecido enthusiasmo pelos meritos e protecção efficaz do Sancto Apostolo do Oriente. Ao Evangelho subiu ao pulpito o Vigario Geral do Arcebispado de Gôa, padre Nazario Pereira, e recitou o panegyrico do Sancto.

Terminou a festa com a Benção Papal e depois d'ella dirigindo-se o Ex.mo Primaz, os Exm.os Prelados presentes e o Cabido ao tumulo do Grande Xavier, abriram o Exm.º Arcebispo e os tres Bispos o caixão; e assim ficou exposto á veneração dos fieis o milagroso Corpo do Apostolo do Oriente.»

Assalta-nos ainda o desejo de transcrever o «Diario da Exposição» que lêmos no mesmo periodico a «India Catholica», mas ficará para o numero seguinte.

Da «Verdade», excellente periodico que se publica no Funchal, extractamos o seguinte, porque gostosamente publicamos tudo quanto tenda a mostrar a solicitude com que s. exc.ª rev.ma o snr. Bispo do Funchal, a quem sobremodo respeitamos, se emprega no exercicio das funcções episcopaes:

«S. Exc.ª Rev.ma assistiu á distribuição dos premios conferidos ás creanças que têem concorrido á doutrina christã na Sé Cathedral, e domingo ultimo 12 do corrente, tambem honrou com a sua veneranda presença egual festa na capella de Penha de França, onde todos os domingos o rev. snr. padre Schemitz ministra a algumas creanças o ensino das verdades catholicas.

Os premios consistiram em livros e estampas. S. exc.ª rev.ma fallou eloquentemente por occasião d'estas duas festas, commovendo muito o auditorio».

Já se fez ouvir na camara dos dignos pares a voz auctorisada d'um prelado portuguez. S. exc.ª rev.ma o snr. Bispo de Bragança preveniu o snr. ministro da marinha de que deseja ouvil-o ácerca dos negocios das missões do ultramar, e determinadamente sobre as circumstancias de segurança em que se acham os nossos missionarios de além-mar.

Folgamos de ver que os membros do episcopado portuguez se não esquecem de que teem um logar na primeira casa do parlamento.

Já vimos o nome de s. exc.ª rev.ma o snr. Bispo do Porto entre os dos pares que assistiram a uma das sessões passadas, e lêmos tambem a noticia da partida para Lisboa do exc.mo e rev.mo snr. Arcebispo Primaz.

J. DE FREITAS.

EXPEDIENTE

O desejo de não demorar para mais tarde a reimpressão do numero 2, que hoje distribuimos aos snrs. assignantes a quem falta, e querermos dar ao presente numero mais quatro paginas, tudo concorreu para que se désse a demora de tres dias na sua distribuição. D'esta demora, apezar de justamente motivada, pedimos desculpa aos nossos bondosos assignantes.

Os numeros 3 e 4 vão ser reimpressos.

Recebemos os numeros 25, 26 e 27 da excellente «Revista Catholica», de Madrid, que muito agradecemos e de que em breve nos occuparemos largamente.

Temos recebido os primeiros numeros d'este anno da «Illustracion Espanola y Americana,» de que tambem teremos de occupar-nos.

Agradecemos tambem a troca que com a nossa folha faz a excellente «Revista Popular» de Barcellona.

IMP. CIVILISAÇÃO DE SANTOS & LEMOS

Porto—Rua de Santo Ildefonso, 8 e 10.